

**Linguagem e Habitar.
A descoberta do Sagrado em Heidegger**

*Daniel Alves de Almeida**

Resumo: A afirmação de existência do sagrado é recorrente na história da humanidade e a cada era a experiência do sagrado se apresentou de formas variadas. Este artigo tem por finalidade apresentar a conotação heideggeriana do que é o sagrado e como ele se torna o sagrado para a existência do Ser enquanto tal. A elaboração do artigo se fundamenta sobre os conceitos de linguagem e habitar e sagrado na perspectiva de Martin Heidegger. Sobre a quadratura, vale frisar a sua importância para a descoberta do sagrado como formulação de uma existência sagrada em um lugar destinado para o Ser.

Palavras-chave: Sagrado. Linguagem. Habitar. Ser. Heidegger.

Introdução

Por diferentes maneiras o sagrado esteve presente na história do homem, seja em sua versão mais arcaica ou como o conhecemos hoje ele é parte do fundamento da humanidade. A herança que recebemos de nossos ancestrais aponta para a realidade onde tudo está interligado pelas vias do sagrado. Da mesma forma temos uma realidade pressuposta sagrada por estar envolvida por uma rede interligada e tornando o habitar do Ser um habitar sagrado.

Por vezes tudo o que estava relacionado ao sagrado foi tomado como sendo um plano superior e que está sempre fora do alcance do homem, porém, o homem através de rituais, orações, preces, sacrifícios, entre tantas outras práticas que acreditou o colocar próximo ao sagrado buscou estar presente junto às forças que ele considera como sagradas. Tendo como base os conceitos linguagem e habitar encontramos uma forma de entender como esse sagrado se faz existente e como o Ser se relaciona com ele e vice-versa.

A quadratura heideggeriana é a grande chave de leitura para a verdadeira compreensão do que o sagrado é enquanto ligações que permitem que a existência exista em sua plenitude. Assim, Heidegger considera o sagrado como sendo a raiz verdadeira do destino dos homens como o dos deuses, ou da terra, ou do céu.

1. Linguagem e habitar

O ponto de partida para este estudo é que a quadratura é a morada do Ser e ela, através de seus elementos integrantes e formadores de pontes torna o encontro entre divinos e homens, terra e céu formador e mantenedor de toda existência sagrada do mundo como o conhecemos e existimos. A ela acrescenta-se como sendo um dos grandes conceitos da filosofia heideggeriana. Nela pode-se encontrar o lugar sagrado do habitar do Ser, entre a terra e o céu, os mortais e os divinos.

Heidegger apresenta o habitar como sendo mais do que uma realidade física, mas também como uma realidade metafísica, assim ele é capaz de abarcar todas as formas que o homem pode vir a habitar, também compreendendo como os entes metafísicos e o Ser podem habitar em determinado lugar.

Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta. [...] Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. [...] Essas habitações oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência. (HEIDEGGER, 2012, p. 125).

Com o conceito *wohnen* (habitar), Heidegger trabalha de forma diferente do que a plateia de sua conferência esperava, ao invés de tratar da crise habitacional da Alemanha pós-guerra ele entra em um conceito filosófico, o habitar. Dessa forma abre a sua filosofia para uma sequência de conceitualizações daquilo que é o habitar.

Heidegger expõem que o habitar não se resume a apenas um simples local físico onde o ente tem a sua residência, ele ultrapassa a compreensão simplista da forma de habitar, conceitua o habitar como sendo algo maior do que qualquer construção possa

se tornar, ele se torna um conceito que abrange todas as formas de interpretação de habitar dos entes e do próprio Ser.

[...] Nosso habitar está sufocado pela crise habitacional. E mesmo que fosse diferente, o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolvido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados. O espaço e o pouco tempo que, no modo atual de habitar, ainda resta para o poético acontece, no melhor dos casos, quando ocupamos das letras, do belo espiritual, veiculado em publicações ou por outros meios comunicacionais. A poesia ou bem é negada como coisa do passado, como suspiro nostálgico, como voo ao irreal e fuga para o idílico, ou então é considerada como uma parte da literatura. (HEIDEGGER, 2012, p. 165).

O habitar estando de certa maneira reelaborado em uma leitura extremamente desconfigurada da essência do habitar do homem enquanto homem, Heidegger busca colocar uma interpretação adequada desse conceito. Mesmo com toda a relativização todas as realidades do habitar do homem permanecem válidas e acima de tudo cada uma em seu lugar de origem, mas que conduzem a tudo para o local original por excelência, onde a terra, o céu, os divinos e os mortais se completam pela permanência real do Ser enquanto se é em perpetuidade sagrada.

“Nelas, o homem de certo modo habita e não habita.” (HEIDEGGER, 2012, p. 125), com essa frase se tem uma compreensão mais clara do que Heidegger coloca como sendo o habitar, ele constitui uma dualidade para o conceito *wohnen*. Onde o possui o seu habitar não é necessariamente reduzido ao seu país, à sua cidade, à sua casa, mas também onde ele se encontra preenchido pelo próprio fato de habitar.

O Ser do homem estando em seu lugar de excelência ele está em plena existência na quadratura que o circunda e o torna como sendo aquilo que ele realmente é, a sua existência plena o leva às suas origens mais remotas, o estabelecendo todos os seus vínculos possíveis com o ambiente que o circunda e o torna homem, é a realidade primeira e última de sua existência.

Mas aonde nós, os humanos, podemos nos informar sobre a essência do habitar e da poesia? Aonde o homem assume a exigência de adentrar a

essência de alguma coisa? O homem só pode assumir essa exigência a partir de onde ele a recebe. Ele a recebe no apelo da linguagem. Mas isso, certamente, apenas e enquanto o homem já estiver atento à essência da linguagem. Todavia, circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um falatório, um escrever e uma transmissão de coisas ditas. O homem se comporta como se fosse o criador e o soberano da linguagem. A linguagem, no entanto, permanece a soberana do homem. Quando essa relação de soberania se inverte, o homem decai numa estranha mania de produção. A linguagem torna-se meio de expressão. Enquanto expressão, a linguagem pode apenas ser rebaixada a simples meio de pressão. (HEIDEGGER, 2012, p. 167).

Encontra-se uma forma de melhor seguir o caminho das essências, partindo de uma premissa básica, fruto de um questionamento: Qual é o local original do homem? Entramos em uma realidade onde não apenas buscamos o que é o habitar do homem, mas o seu habitar original, local esse que é muito mais do que tudo o que já meditamos. Passando pelas folhas dos textos de Heidegger me indago sobre o encontro desse local, a filosofia heideggeriana nos aproxima de uma bem elaborada forma de encontro do local primordial do homem que o contrapõe à soberania da linguagem. Mais do que um local, é também uma posição que marca a realidade do habitar do homem e toda a sua validade para a existência de nós humanos que estamos buscando sempre estar acima de tudo, mas quando paramos para perceber nos encontramos ao lado de tudo, uma existência em continuo diálogos com todos os seres formantes do cosmo.

O pensamento heideggeriano apresenta uma rede de linguagem específica daquilo que o habitar é, não propõe uma redução conceitual, mas sim uma representação do conceito em si. Esse resgate linguístico mostra a evolução do conceito até uma plenitude daquilo que se toma como realidade do habitar.

A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence “*bin*”, “sou”, responde: “*ich bin*” (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. [...] No sentido do habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, “habitual”. (HEIDEGGER, 2012, p. 127).

Pode-se apreender nessa passagem como Heidegger explora o conceito de linguagem, em relação ao conceito habitar, torna-a como sendo uma ponte de compreensão conceitual e, a partir deste conceito de habitar permite uma apresentação de como a linguagem ocupa enorme validade para o pensamento heideggeriano.

A linguagem é a base da compreensão da existência da quadratura (*Geviert*) onde os mortais, os divinos, o céu e a terra se completam na morado do Ser em seu lugar habitual sagrado. Ao colocar o conceito de habitar sagrado, deve-se ter em consideração que não é o sagrado que compete ao habitar do ser um status de sagrado, mas sim, o fato de que o Ser habitar esse espaço o torna sagrado.

Coloca-se nesse ponto a característica dessa relação, onde o habitar não tem tamanha importância como a linguagem se mostra importante, pois é através da linguagem que o homem tem a capacidade de realmente habitar em seu espaço. O Ser se dá através da linguagem e por meio da linguagem, aqui entende-se o porquê Heidegger sempre teve grande atenção pela linguagem poética. Não se pode reduzir aquilo que temos como ponte e via para o Ser, nem para a realidade da existência da própria quadratura e daquilo que a compõe e a mantém.

Heidegger explicita que o homem não se reduz ao simples habitar, mas o habitar é uma parte constituinte do próprio Ser do homem. Não é uma base de importância como a linguagem tem no seu Ser. “[...] aí se abriga um fato muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que habitar constitui o Ser do homem, e de que não mais se pensa em sentido pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem.” (HEIDEGGER, 2012, p.128). Quando se entende aquilo que é o fundamental para o habitar do homem, ele percebe que nada além do necessário é importante para o seu existir em plenitude de Ser. O simples fato de estar em sintonia, ser um interlocutor com os elementos constituintes da quadratura é o suficiente para o colocar em sua realidade de perfeita existência enquanto homem.

Porque o homem é em suportando a dimensão, a sua essência deve ser medida a cada vez. Para isso, ele precisa de uma medida que a cada vez vá ao encontro de toda a dimensão. Para o poeta, vislumbrar essa medida, medi-la com medida e tomá-la como medida, tudo isso tem um nome: ditar poeticamente. A poesia é essa tomada de medida e, na verdade, em favor do habitar humano. Imediatamente após as palavras: *“É uma medida do homem”*, seguem nos poemas os versos: *“Cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra”*. (HEIDEGGER, 2012, p. 175).

A distinção primeira entre a linguagem e o habitar se mostra clara e evidente, assim o homem tem suas condições para se interpretar enquanto habitante do seu espaço. Tornando-se uma realidade presente na quadratura e na formação daquilo que se compreende como sendo ser-homem.

2. O Sagrado

Assim como a realidade da linguagem se apresenta como o caminho para o ser, o sagrado se manifesta como a morada do ser, aqui temos a necessidade de distinguir a função da linguagem e do sagrado, do caminho e da morada, do caminho-morada.

Do sagrado muito se escreveu na Filosofia e fica um caráter chave identificar o que é o sagrado para Heidegger, pode-se ter uma luz para chegarmos à interpretação heideggeriana de sagrado através de um trecho do dicionário Abbagnano:

Heidegger, interpretando uma poesia de Hölderlin que identifica a natureza com o sagrado, considerou o sagrado como raiz do destino dos homens e dos deuses: “O sagrado decide inicialmente, acerca dos homens e dos deuses, quem serão, como serão e quando serão.” Heidegger afirma também que: “O sagrado não é sagrado porque divino, mas o divino é divino porque sagrado.” (ABBAGNANO, 2000, p. 867).

Ler o conceito “sagrado” em Heidegger é um desafio de grandes proporções, um pensamento muito complexo que surgem antes dos deuses, do mundo, dos entes, de tudo.

Heidegger substitui o conceito Ser pelo conceito sagrado, mas não excluindo o Ser, mas o renomeando para que o ser seja compreendido como ele realmente é. Não existe

algo mais desafiador do que interpretar um conceito, ainda mais um conceito que designa outro conceito, mas que em suas raízes são o mesmo, possuem a mesma essência sacra.

Partindo desse pressuposto de comunhão de essência, devesse pontuar que isso não indica que um é algo diferente de outro, ou que um seja semelhante ao outro, ou, ainda, que sejam dois entes que dividem uma mesma essência. O que está em evidência neste caso não é que um é algo e o outro é outro algo, mas que ambos, Ser e sagrado são sem distinções o mesmo.

Como para formar quadratura Heidegger utiliza quatro pontos referenciais, divinos, mortais, céu e terra. Partamos desses elementos formantes da quadratura. Eles por si só são simples elementos espalhados por todo o horizonte, mas que possuem seu lugar de distinção e importância para que exista o equilíbrio da formulação heideggeriana da quadratura.

Cada coisa colocada de forma homogênea no seu devido local, assim há o equilíbrio da referência estrutural da quadratura em seu habitar. Para que todo o sistema possa ser realmente posto em estabilidade habitacional o Ser deve estar em constante diálogo entre as partes formantes da quadratura. Neste diálogo de habitar o Ser torna os divinos divinos, os mortais mortais, o céu céu e a terra terra.

Com a relação entre os iguais elementos que compõem a quadratura, o Ser tem a capacidade essencial de tornar os elementos em elementos sagrados, onde o Ser se resplandece sobre eles e os coloca em evidência dentro de todo o cosmo.

[...] A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa. A ponte reúne integrando a quadratura, mas reúne integrando no modo de propiciar à quadratura estância e circunstância. A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço. (HEIDEGGER, 2012, p.133).

A ponte que torna possível a criação e o surgimento de um espaço, também pode ser colocada como o ponto de referência para o sagrado. Tornar um sagrado da forma como o entre é sagrado. O sagrado se dá nesse entre que há entre os divinos e os mortais, entre a terra e o céu, não no elemento, mas no “caminho” que formam a apropriação desses elementos do quadripartido.

[...] O sagrado é o meio que conserva e preserva toda a relação e modo de ser que na quadratura apropria o quadripartido. Assim o sagrado seria o que é necessário para a efetivação do jogo de apropriação de modos de ser entre deuses, mortais, céu e terra, porque ele envia e estrutura o mundo a partir de um deixar-ser original e essencial. (FERREIRA, 2003, p. 12).

O sagrado está realmente presente em toda a realidade, seja da linguagem ou do habitar, os filetes relacionas entre os formantes da quadratura se relacionam e essencialmente se relacionam, tornando-se uma fonte de essência sagrada.

3. Geviert

Heidegger nos dá a definição de “*women*, habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra.” (HEIDEGGER, 2012, p. 128). Aqui entramos em uma discussão própria do habitar do Ser “[...] os mortais são e estão”, a utilização desses dois verbos, ser e estar, colocam a necessidade de interpretação da sentença acima.

[...] a quadratura é o meio no qual acontece o quadripartido, o limite originário é meio no qual se dá o acontecimento-apropriação, o mundo acontece no “entre” do cruzamento dos quatro quadripartido e no acontecimento-apropriação o mundo se edifica na coapropriação de essências; dessas afirmativas podemos dizer que na medida em que o quadripartido e o acontecimento-apropriação efetivam o mundo, a quadratura é tanto o limite originário que liga os quatro na coapropriação de mundo quanto a localização que estabelece o quadripartido como o lugar que concede o mundo, ela é, portanto, a localização de onde o mundo começa a ser. A reunião dos quatro, o quadripartido, é o lugar que concede e estrutura o mundo. Essa estruturação de mundo Heidegger denominou de espaço. (FERREIRA, 2003, p. 11).

O momento onde o sagrado se realiza plenamente está no ponto de encontro entre os formantes da quadratura que se interpelam e se fundem, um estado de dependência

e não-dependência que os equipara para a formação de uma rede de interligações semelhante a um complexo rizomático que torna o sagrado uma realidade factível.

“Sobre esta terra” já diz, no entanto, “sob o céu”. Ambos supõem conjuntamente “permanecer diante dos deuses” e isso “em pertencendo à comunidade dos homens”. Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencendo um ao outro numa unidade originária. (HEIDEGGER, 2012, p. 129).

Para adentrarmos ao modo como a linguagem se torna o caminho e a morada do Ser, tem-se a obrigação de entender o conceito de *Geviert*, a quadratura heideggeriana onde o Ser está presente enquanto ele faz da quadratura o seu receptáculo e morada, a relação entre os quatro conceitos formativos do *Geviert*: o céu, a terra, os mortais e os divinos.

A terra de todo o gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. Dizendo terra, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.

O céu é o percurso em abóbodas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do *éter*. Dizendo céu, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro.

Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado desses manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação. Se demos nomes aos deuses, já incluímos os outros três, mas não consideramos a simplicidade dos quatro.

Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: Ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses. Nomeando os mortais, já pensamos os outros três. Mas isso não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. (HEIDEGGER, 2012, p. 129-130).

Neste ponto crucial de interpretação do conceito de *Geviert* está o ponto de encontro entre a linguagem, o sagrado e o Ser. A quadratura se dá pela linguagem, a linguagem é o sacro lugar de morada e de encontro do Ser.

O sagrado pode ser dito o ponto de emanção da quadratura, isto é, o sagrado reúne em si tanto a quadratura quanto o limite originário, sendo assim ele é o meio que atesta a reunião integradora do quadripartido e a coapropriação de mundo, “ele está sobre os homens e sobre os deuses. Os deuses e os homens necessitam um do outro; pois nenhum carrega o viver sozinho”. (FERREIRA, 2003, p. 11).

Onde a quadratura se faz realidade, ou seja, em tudo aquilo que existe o quadrapartido torna os seres existentes, além de uma existência simples, mas em um complexo existencial que dá a verdadeira realidade aos seres por ela compressos e imersos no sagrado da quadratura. Uma forma de devir é a existência enquanto forma simples de existir. Explico, a forma como se conota a pura existência enquanto matéria nos coloca em uma cilada existencial, pois conotamos a existência em uma realidade que ultrapassa toda a matéria, exatamente no ponto central do encontro entre os elementos fundantes da quadratura, aí se dá a forma de existir enquanto Ser. Um existir que realmente figura a real existência de toda a realidade essencial das coisas enquanto coisas.

Por morada não se deve entender um local fechado, que fica o Ser entre quatro paredes, mas, deve-se entender a morada como algo muito maior, maior mesmo que o mundo.

O horizonte, o oriente que se apresenta como local de descoberta do Ser enquanto Ser. Cada ente compoendo em sua realidade um aspecto que demonstra o Ser e através desta demonstração em forma de linguagem o homem, o ente que se pergunta a respeito do Ser, descobre esse Ser.

A realidade intrínseca e extrínseca da quadratura, apresenta-se como uma porta, e através dessa porta entramos para a realidade do Ser enquanto é.

Estando o Ser na quadratura ele dialoga essencialmente com a essência daquilo que compõe a quadratura, nesta relação em que o Ser se coloca temos a realidade essencial do Ser, da mesma forma como o Ser estando dialogando com os entes de

maneira extrínseca à quadratura. Uma realidade complexa que mantém a base do pensamento metafísico.

No texto *Identidade e diferença*, Heidegger mostra como o ente através do seu Ser se mostra como ele mesmo sendo mesmo:

Com este “é” o princípio diz como todo e qualquer ente é, a saber: ele mesmo consigo mesmo o mesmo. Como princípio do pensamento, o princípio somente vale na medida em que é um princípio do ser, cujo teor é: de cada ente enquanto tal faz parte a identidade, a unidade consigo mesmo (HEIDEGGER, 2018, p. 10).

O jogo de palavras de Heidegger quando diz que o ente é, não é uma simples questão de ele Ser enquanto ente, mas sim de ele Ser enquanto é. O ente enquanto é se mostra através do seu “ente físico”, porém, o ente físico não pode ser entendido como apenas aquilo que é desvelado no plano sensível, mas também enquanto no desvelamento do suprassensível, aquilo que se mostra e se descobre como ele sendo “ele mesmo consigo mesmo o mesmo” (HEIDEGGER, 2018, p. 10), sem maiores dificuldades de interpretação frente ao Ser que é e se faz Ser enquanto é.

Nesta medida de pensamento enquanto algo que é e que jamais poderá não Ser enquanto tal é, o Ser somente é desvelado a partir de quando se mostra pela linguagem, sua morada e sua forma de expressão máxima e total. E partindo da linguagem como encontro do sagrado habitar do Ser, entende-se a noção de sagrado, a partir da concepção de linguagem poética.

“A liberação da linguagem dos grilhões da gramática e a abertura de um espaço essencial mais originário está reservado como tarefa de pensar e poetizar”¹, diz Heidegger, apontando para a dupla tarefa que visava levar a linguagem ao seu elemento e, igualmente, abrir um espaço “essencial mais originário”. A linguagem e o espaço essencial, em resumo, se apresentavam como questões fundamentais para o pensamento poético sobre o ser: não apenas o que tange o seu sentido ou à sua verdade, mas também o lugar dessa verdade. O poeta pensante fala ao Ser o

¹ HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1985, p. 34.

onde da sua essência, fala a partir do seu recinto. É a linguagem poética que Heidegger traz, então, seu pensar, dizendo:
“O caráter poético do pensar é ainda oculto.
Onde ele se mostra, assemelha-se por muito tempo à utopia de um meio-poético entendimento.
Mas o poeitar pensante é na verdade a topologia do Ser.
Ela diz a este o lugar de sua essência”² (SARAMAGO, 2008, p 256-257).

Como o Ser não deve ser pode ser colocado em alguma forma de restrição e nenhuma forma de limitação de toda a sua potência em ato. A única expressão de linguagem que consegue o pensar é a linguagem poética, por isso toda a fixação de Heidegger pelos poemas, neles encontramos a forma perfeita de encontro do habitar do sagrado Ser, o sagrado que torna os deuses, o sagrado que torna os mortais, o sagrado que torna o céu, o sagrado que torna a terra.

O Ser gera toda a quadratura, é o seu ponto de essencial sacralidade dos entes. Assim é notório como Heidegger pensa o Ser, uma realidade de sacralidade é impressa no Ser, nesta categoria de sacro intensificasse a característica de estar nos entes, pois apenas ao passo que o Ser está para o sacro é como o ente estará para o sacro.

Conclusão

A partir dessa pesquisa e dos *links* abertos entre os conceitos heideggerianos foi possível explorar alguns aspectos do conceito de sagrado na filosofia de Heidegger, onde encontramos a sua importância e valor para a Filosofia e os grandes encontros que relacionam e fazem com que o homem se situe cada vez mais em seu significado enquanto Ser no mundo.

Heidegger (2009) afirma,

² A presente tradução é de Maria do Carmo Tavares Miranda e encontra-se em Da experiência do pensar. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1969, p. 47.

Mas o Ser – o que é o Ser? É ele mesmo. O pensamento vindouro terá de aprender a fazer essa experiência e a dizê-la. O “Ser” não é nem Deus nem um fundamento do mundo. O Ser está mais distante do que todo ente e, não obstante, está mais próximo do homem do que qualquer ente, seja um rochedo, um animal, uma obra d’arte, uma máquina, seja um anjo ou Deus. O Ser é o mais próximo. E, todavia, para o homem é a proximidade o que lhe está mais distante. (HEIDEGGER, 2009, p. 51).

Essa é uma das relações que são geradas a partir do entrelaçamento entre os entes formantes da quadratura e que trazem a tona o sagrado, o Ser está em constante relação com o homem e essa relação é a que dá o sentido daquilo que compreendemos como sendo o sagrado. Algo que está próximo e ao mesmo tempo distante, algo que está envolta do homem, mas mesmo assim ele não tem acesso a esse sagrado.

Toda uma relação de abertura e encontro do sagrado acontece por meio daquilo que conotamos como verdadeira morada do Ser, onde os divinos e os homens, o céu e a terra formam suas ligações e através dessas o sagrado se põe na existência do homem enquanto reside em seu habitat original de homem enquanto homem.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.

CAPELLE, Philippe. O ser e Deus em Heidegger. In: LANGLOIS, Luc, ZARKA, Yves Charles. Os filósofos e a questão de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 2009. P. 307-330.

HEIDEGGER, Martin. Ensaio e Conferências. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback.

_____, Martin. Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2018. Tradução Ernildo Stein.

_____, Martin. Sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 2009. Tradução de Berna da Francke.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MATTEI, Jean-François. O ser e Deus em Heidegger. In: LANGLOIS, Luc, ZARKA, Yves Charles. Os filósofos e a questão de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 2009. P. 331-348.

SARAMAGO, Ligia. A topologia do ser. São Paulo: Edições Loyola, 2008.